

# Diversidade e democracia

## *O nosso compromisso hoje*

NAURA SYRIA CARAPETO FERREIRA\*

**RESUMO:** Este artigo trabalha os conceitos de educação, gestão democrática e diversidade, na perspectiva da filosofia da práxis, buscando contribuir para que se desenvolva uma reflexão consequente sobre o verdadeiro compromisso dos educadores, na atualidade.

*Palavras-chave:* Gestão democrática da educação. Diversidade. Liberdade.

*O governo deve descobrir, desenvolver e incentivar o talento nacional para o reforço da nossa vida cultural; Todos os tesouros culturais da humanidade serão abertos a todos, por livre troca de livros, ideias e contato com outras terras; O objetivo da educação é ensinar os jovens a amar seu povo e sua cultura, de honrar a fraternidade humana, a liberdade e a paz; Paz e amizade entre todos os nossos povos serão garantidos por defender a igualdade de direitos, oportunidades e qualidade de todos.*

(MANDELA, 2007, p. 128, tradução nossa)

### Introdução

Participar deste número da revista *Retratos da Escola* conduziu-me a pensar em toda a construção teórica sobre educação, gestão, as lutas por sua qualidade social, formação do profissional, liberdade, direitos e deveres humanos, pela justiça social! E, em decorrência, reafirmar a concepção hegemônica de educação e gestão – ainda não de domínio de todos os educadores – para entender e discutir a diversidade. Trata-se da concepção com a qual estou comprometida, por entender ser a verdadeiramente humana e, por isso, a mais elaborada. Trata-se da

---

\* Doutora em educação. Professora titular da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Professora (aposentada) da Universidade Federal do Paraná. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Gestão da Educação. Curitiba/PR - Brasil. E-mail: <nauraf@uol.com.br>.

concepção que entende o ser humano em sua totalidade, em todas as dimensões e possibilidades, com todas as suas contradições e realizações e com todos os direitos e deveres. Que não exclui, mas estuda formas de compreender e atender a todos, sejam quais forem suas características, “limitações” ou necessidades!

Pensei, também, o conceito de gestão, já tão discutido e definido, e o tomei, neste texto, como Anísio Teixeira se referia quando escreveu *Natureza e função da administração escolar*, publicado na edição comemorativa do I Simpósio Interamericano de Administração Escolar, em 1968 (pp-13-14): “há no ensino na função de ensinar, em germen, sempre ação administrativa. Seja a lição, seja a classe, envolve administração, ou seja plano, organização, execução.....”, isto é, tomada de decisões quanto aos conteúdos, metodologias, tratamento com os alunos, às finalidades e objetivos, à avaliação. O que revela um compromisso forte, definitivo e responsável com a formação do educando. Então, a partir daí, pode-se estabelecer a relação com a diversidade e todas as outras relações necessárias!

“Diversidade” é um termo polissêmico, sendo utilizado em diversas direções, causando entendimentos diferenciados, contraditórios e, também, confusos. Do latim, *diversificare* significa “dissemelhança; dissimilitude; divergência; oposição; caráter do que, por um determinado aspecto não se identifica com algum outro; multiplicidade de coisas diversas.” (FERREIRA, 1999, p. 697). É o termo que caracteriza a diferença, que pode ser encarada como negativa, positiva ou simplesmente diferente, dependendo da interpretação ou conveniência das circunstâncias e do tempo histórico, do ângulo ou da totalidade em exame, das intenções e finalidades. Estas, a meu ver, são as mais significativas para tratar diversidade. Uma ou outra forma de entender diversidade, em relação ao outro, sempre envolve um conceito que significa ideia abstrata e geral, a partir do problema em sua origem, ou um preconceito, que significa ausência do conceito, formação de opinião antecipada sem maior ponderação ou conhecimento. É o que se denomina de ideia preconcebida, que conduz, inevitavelmente, à intolerância, ódio ou aversão a outras formas de ser, crer, viver.

A diversidade pode ser tratada, e inevitavelmente o é, a partir da compreensão de que, majoritariamente, é gerada pelo modo de produção capitalista no estágio imperialista e devastador em que se encontra no mundo, gerado pela divisão de classes cada vez mais agudizada, discriminação, desigualdade, privilégios, corrupção, falsidade, engodo e sonegação de dignidade de vida para todos os cidadãos, fato que tanto tem corrompido a sociedade brasileira. Portanto, todo o tratamento que der neste texto tem esse pano de fundo, essa desumana realidade, mas que não tratarei mais teoricamente nos limites deste texto, por estar já sendo exposta e discutida exaustivamente por teóricos e intelectuais no mundo todo. Produção esta que é lida e utilizada por alguns outros teóricos e intelectuais que a utilizam em várias direções e com diferentes significados.

Tratarei da gestão da educação e seus compromissos diante da realidade existente. Gestão da educação é tomada de decisões. A toda hora, em todas as circunstâncias se tomam decisões, quanto ao que se pretende atingir ou alcançar. Neste artigo, que decorre de duas pesquisas em desenvolvimento<sup>1</sup>, são discutidos educação, gestão democrática e diversidade, procurando compreender a realidade, nos tempos hodiernos, como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer pode vir a ser compreendido na sua totalidade. Essa decisão me garante poder discutir a temática com a segurança de contribuir a respeito dela. Não se trata, portanto, de uma reflexão idealista, mas concreta, pois a realidade é entendida como concreticidade, seja qual for, como um todo que possui a sua própria estrutura, com todas as contradições, que se desenvolve, que se vai criando. Todavia, não se limita, como os trabalhos mais sistematizados e especializados, ao aspecto gnosiológico, isto é, à prática como fundamento do conhecimento e critério de verdade (VÁZQUEZ, 1977).

Ao estabelecer a relação entre a educação e a gestão, busco contribuir com a qualidade da formação e da vida humana de toda a população brasileira, fundamentalmente, no respeito a cada pessoa em sua diversidade humana, seja física, mental, espiritual, afetiva ou de qualquer ordem. Respeito necessita ser a palavra protagonista nas relações humanas e no trato do humano ou com o humano. Respeito é um valor e um atributo dos humanos, que só os humanos podem e necessitam ter! Sem respeito, não existe vida verdadeiramente humana!

Formado o eixo analítico-reflexivo deste texto - à luz do conceito de práxis, compreendida como categoria central da filosofia e do pensamento humano que se concebe ela mesma não só como interpretação do mundo real, mas também como guia de sua transformação -, desenvolvo o tema.

## **Compreendendo as relações**

Retomo a definição de gestão como tomada de decisões! Definição que parece simples, mas não é, pois vai exigir a compreensão de toda a complexidade e compromissos que o processo exige. Por consequência, gestão democrática é tomada de decisões democráticas sobre a educação, com a mesma exigência de compreensão de toda complexidade e compromissos que o termo “democracia” possui. Tal afirmação necessita da compreensão sobre o extenso e diversificado conceito de democracia a partir das matrizes teóricas que lhe dão sustentação. Fala-se e usa-se o adjetivo democrático com a maior “facilidade”, sem expressar de que democracia se está falando, quais são os princípios dessa democracia “adjetivada” ou usada como adjetivo. Reduzem-na a processos numa perspectiva tecnicista, sem vinculá-la a valores que a norteiam e lhe dão o verdadeiro sentido. Reduzem-na a mecanismo para ascensão ao poder, a fim de

não exercê-la de fato! Fala-se em democracia, em gestão democrática, defendendo-as e, contraditoriamente, são praticadas as maiores exclusões com “indicações”, apadrinhamentos, conluíus convenientes, exclusivos e excludentes. Defendem-se eleições para diretores e indicam-se dirigentes para cargos eletivos.

Faz-se necessário desvelar de que gestão democrática está-se falando, quando assim se fala! Trata-se da que se apoia na democracia burguesa, que só beneficia a minoria abastada ou a que está no poder? Ou da que privilegia, realmente, com transparência, de verdade, a todos os homens?

Democracia é a forma de regime político baseada na proclamação dos princípios do poder do povo, da liberdade e da igualdade dos cidadãos. A democracia concebe o reconhecimento da subordinação da minoria à maioria, a elegibilidade dos principais organismos de poder do Estado e da existência dos direitos e liberdades políticas. No modo de produção capitalista, na sociedade capitalista, temos uma democracia amputada, mesquinha, lacunar, uma democracia, sobretudo, para os abastados, para a minoria em detrimento da maioria. E à medida que vai-se dando alguma possibilidade de ascensão ao poder, dá-se a conivência com os valores burgueses de exclusão. As tomadas de decisão passam a ser “mescladas” com interesses particulares, individualistas. Abre-se a possibilidade de desenvolvimento do individualismo nas suas mais sutis e diversas formas, abrindo portas para o carreirismo e a desqualificação do outro, tão próprias da classe burguesa. De outra parte, há um esforço para efetivar canais de efetiva participação e, portanto, de instituição da gestão democrática, com a participação de pais, estudantes, professores, funcionários e “comunidade” local.

A toda hora, em todas as circunstâncias, se tomam decisões quanto ao que se pretende atingir ou alcançar. As contradições fundamentais em que se debate a sociedade capitalista no seu atual estágio chegaram a tal aguçamento, que os homens só podem resolvê-las e garantir para si um futuro verdadeiramente humano atuando num sentido criador, o que vai exigir uma elevada consciência das possibilidades objetivas e subjetivas do homem como ser prático, com autêntica consciência da práxis. Quando se afirma “homem como ser prático”, não significa uma nova versão do pragmatismo, mas tem o sentido da expressão “filosofia da práxis”, cunhada por Adolfo Sánchez Vázquez (1977) para transcender o âmbito estreito da gnosiologia, expressão à qual recorreu, sobretudo, Gramsci (1958), substituindo a palavra “marxismo”, por ser a que melhor corresponderia a seu modo de concebê-lo.

À medida que essa reflexão sobre a educação e a gestão democrática vai sendo explicitada, vai-se esboçando na mente a categoria diversidade, isto é, a representação dessa diversidade humana tão rica na realidade hodierna. Abre-se o caminho para, posteriormente, se colocar a questão da necessidade de construir um mundo verdadeiramente humano, onde exista o respeito à diversidade e não exista a exclusão para ter que existir a inclusão, isto é, onde a igualdade humana é respeitada por

uma ética humana, que por ser humana não discrimina nem marginaliza; tampouco exerce qualquer forma de domínio de um sobre o outro, de um grupo sobre outro, de um determinado poder sobre os demais humanos.

Quero reafirmar o verdadeiro sentido de práxis, tentando superar deformações mecanicistas ou neopositivistas, compreendendo-a no seu sentido como atividade, objetiva, material do homem que só é homem – socialmente – em e pela práxis, criativa, transformadora e revolucionária. Pois é intervindo sobre o meio, através de sua ação intencional e inteligente, que o homem humaniza o meio e humaniza-se a si mesmo, o que nos conduz a pensar sobre todas as nossas ações. Para onde se dirigem: para a construção humana ou para a destruição humana? Qual é o conteúdo de nossas intenções e ações? Quais são os nossos propósitos? Qual é a nossa concepção de mundo e nossos consequentes compromissos? Nossos propósitos e intenções são exclusivos e excludentes, firmados no individualismo, na competitividade, no carreirismo, na prepotência e na arrogância? Ou nossos propósitos são comprometidos com o bem comum, a fraternidade, a liberdade, a solidariedade e a justiça social?

Nessa perspectiva, é possível verificar a validade do que se faz pela realidade que se cria e que resulta em realidade para todos. Que realidade estamos criando a partir do existente? Não entendida como um conceito filosófico, mas como categoria da teoria dialética da sociedade, a práxis é ativa, é atividade que se produz historicamente, quer dizer, que se renova continuamente e se constitui praticamente – unidade do homem e do mundo, da matéria e do espírito, do sujeito e do objeto, do produto e da produtividade, de toda a humanidade. Isto é, a práxis do homem não é a atividade prática contraposta à teoria, ou separada desta como etapas distintas a se somarem para se completarem, bem ao gosto do positivismo. Não! A práxis é a determinação da natureza humana como elaboração da realidade! Práxis é a esfera do ser humano, de todos os seres humanos em pleno exercício da atividade humana. Em sua essência e universalidade, é a revelação do segredo do homem como ser ontocriativo, como ser que cria a realidade (humano-social) e que, portanto, compreende a realidade humana e não humana, a realidade na sua totalidade (KOSIK, 1976). E, por compreendê-la, nela são inseridos todos através de compreensão, respeito e ações competentes de transformação da cruel realidade excludente.

## **Diversidade é riqueza**

Se o preconceito conduz, inevitavelmente, à intolerância, ódio, ou aversão a outras formas de ser, crer, viver, antônimos dos termos que significam compreensão e sentimento, temos o amor, a tolerância, a aceitação, a admiração, o respeito, com todo o seu precioso conteúdo. Amor é o sentimento que predispõe alguém a desejar

o bem de outro ou de alguma coisa. Não é um termo piegas, que, para o mundo das aparências ou discricionário, significa ingênuo, romântico, sentimentalismo exacerbado ou tolice!

O ódio é um sentimento que impele a causar ou desejar mal a alguém; execração, rancor, raiva, ira; aversão à pessoa, atitude ou coisa, repugnância, antipatia, desprezo, repulsão (FERREIRA, 1999). É o ponto de partida e de chegada para a exclusão em todas as suas formas mais sutis ou mais violentas. O ódio é um sentimento que se alicerça, assim como o amor, numa concepção de homem e de sociedade que inclui ou exclui todas as pessoas em todos os direitos e deveres.

O amor é a forma mais radical de “ir ao outro”, de se reconhecer, intimamente, num ser humano diferente. Quem ama, afirmou Goethe, vive intensamente a aventura de sair de si e mergulhar na alteridade. O termo ‘amor’ possui uma elasticidade impressionante! E, pela sua ampla utilização, pode cair na banalização! Aliás, a banalização é o que mais existe no mundo hodierno. A vida, a morte, o privado que se tornou público, o público que se tornou privado, tudo hoje está na vala comum! Pobres, crianças, idosos, pessoas com deficiência, mulheres, negros, gays etc. etc. etc., os diversos, os diferentes, que deveriam merecer o melhor respeito, cuidado e atenção, são, exatamente, os excluídos, marginalizados. Ou começam a ser objeto de estudos, para se fazerem leis e regulamentos, decretos, que garantam aqueles direitos que já lhes pertencem pela sua natureza humana, mas que o poder discricionário lhes sonogou e continua a sonegar, cultivando o preconceito. São objeto de estudo e regulamentação que não se cumpre!

E por que falo de amor num texto sobre educação, gestão democrática e diversidade? Porque o que se refere à vida humana, à formação humana e à sua gestão envolve inteligência e afeto. Os seres humanos são movidos pelo afeto. Diante de um mundo globalizado, envolve reflexões e ações que são eivadas de raciocínios e sentimentos que só os humanos possuem em toda a sua plenitude. Não se lida com um ser humano apenas racionalmente tão ao gosto do racionalismo, do positivismo e do neopositivismo. Esses procedimentos são viáveis às coisas, não aos humanos. Estes não são coisas, são seres superiores às coisas: têm sentimentos, emoções, afeto, que é a energética da ação cuja forma superior é o amor! Parafraseando Gramsci, pode-se dizer que o sentimento sem o conhecimento é oco, vazio, mas o conhecimento sem o sentimento é mero pedantismo:

o elemento popular ‘sente’ mas nem sempre compreende ou sabe; o elemento intelectual ‘sabe’, mas nem sempre compreende e, muito menos ‘sente’. Os dois extremos são, por um lado, o pedantismo e o filistinismo, e, por outro, a paixão cega e o sectarismo..... O erro do intelectual consiste em acreditar que se possa saber sem compreender e, principalmente, sem sentir e estar apaixonado (não só pelo saber em si, mas também pelo objeto do saber (1981, p.138,139)

Ora, ninguém ensina a amar, se compete, se discrimina, ao ensinar, ao conviver, ao educar. Esses sentimentos constituem os elementos do ódio e não do amor. Conduz ao tratamento coisificado que não respeita nem promove. Por isso, os humanos não podem ser reduzidos a coisas, a não ser que exista uma intenção de exclusão, de privilégios.

Konder, em sua preciosa obra *Sobre o amor*, percorre a explicitação desse conceito, através de grandes intelectuais, pensadores e poetas. Afirma que,

organizada em torno do mercado, a sociedade hegemônica pela burguesia, impõe às pessoas que se tornem competitivas; cada indivíduo é levado a suspeitar do 'próximo', a enxergar nele um concorrente, uma ameaça em potencial. A recomendação do amor ao próximo torna-se abstrata, continua a ser proclamada no discurso, mas é esvaziada no sentido pleno da vida. (2007, p.10).

Sabe-se que os valores são criados pela comunidade. Os indivíduos interpretam e lhes dão vitalidade, no plano da história político-social. Porém, podemos reconhecer que o amor desempenha um papel sutil, ao incitar os seres humanos à busca de um mundo melhor e mais justo.

Quem ama não pensa, crê ou vive no individualismo, que é por si próprio exclusivo e excludente. Como alertou Tocqueville (1978, p. 143),

o individualismo é um sentimento introspectivo e 'aprazível' que induz cada cidadão a isolar-se da massa de seus semelhantes e a manter-se separado com sua família e seus amigos, de sorte que depois de formar uma pequena sociedade para seu uso particular abandona-a à grande sociedade. O egoísmo nasce de um instinto cego; o individualismo procede mais de um juízo errôneo do que de um sentimento depravado. Origina-se tanto dos defeitos do espírito como dos vícios da afetividade. O egoísmo seca a fonte das virtudes; o individualismo, a princípio, só cega as virtudes públicas; mas ao longo do tempo ataca e destrói todas as outras e acaba se encerrando no egoísmo.

Secar a fonte das virtudes é secar o que de mais vital existe no ser humano, o afeto e sua exteriorização, a partir do respeito ao outro, que é diferente. O respeito parte da compreensão de que o diferente é o singular e por isso tem que ser respeitado, porque é um humano, igual, mas diferente na sua forma de ser, crer, viver, se expressar, criar, construir. O amor, bem ao contrário, é a fonte da compreensão, do respeito, da aceitação, do acolhimento! É cuidar do outro, é zelar para que essa dialogação Eu-Tu seja libertadora, sinérgica e construtora de uma aliança perene de paz e de amorização, pois é quando aceito o outro que aceito plenamente a mim próprio e não ao contrário!

O individualismo que cultiva o ódio é a categoria básica da constituição da ideologia liberal, que tanto fortalece o capitalismo. Todas as demais categorias, bem como suas relações e contradições, se constituem a partir da persistência e do profundo enraizamento desse elemento. É a compreensão do processo de constituição dessa

categoria, a qual vai-se afirmando e reafirmando no processo de agudização do capitalismo, que vai permitir compreender as relações sociais que vivemos na contemporaneidade, bem como as formas de consciência social, as quais, de um modo ou de outro, vêm “construindo” os homens e as mulheres em nossa sociedade, sob a égide da competição, da desqualificação, da banalização da vida e da morte, do ter sobre o ser, do descarte!

Na verdade, a diversidade não pode ser encarada como problema, mas como uma situação social e, como tal, examinada e respeitada. Diversidade é riqueza, é o direito de ser e viver diferente. Até quando as leis de mercado irão ditar as normas do viver até os íntimos desejos e necessidades do ser humano, nas suas crenças, sentimentos, possibilidades, direitos de produzir? Até quando as leis de mercado, através das sofisticadas leis do marketing, irão manipular até as cores das pessoas, suas formas de vida e de ser?

## Trabalhar juntos

Há uma década e meia, num artigo para a *Educação em Revista* da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, sobre gestão da educação, ao me encaminhar para a conclusão do texto, escrevi:

Faz-se necessário que trabalhem, efetivamente, juntos sentindo o prazer e a alegria que só o trabalho coletivo possibilita. Faz-se necessário que trabalhem juntos com uma compreensão democrática de convivência e de trabalho que constrói cada um e constrói o mundo em que vivemos. Para isto é necessário que ressignifiquemos nossos conceitos sobre Estado, sociedade, cultura, democracia, gestão, trabalho, convivência, respeito e tantos outros conteúdos e valores inquestionáveis à convivência humana no sentido da construção de uma outra sociedade. Para isto é necessário que, na prática, nos dispamos de nossos orgulhos, prepotências e vaidades a fim de poder ver e aceitar, em todos os outros seres humanos, pessoas com todos os direitos e possibilidades, mesmo que com convicções, ideias, crenças e disposições diferentes das nossas. É necessário que aprendamos a desenvolver a comunicação intercultural, dado que não podemos trabalhar juntos com nossas diferenças, se não as preservarmos e respeitarmos. Há que exercitar a compreensão, a paciência, a solidariedade e a tolerância para aprender a ‘qualificar o outro’, pois quando qualificamos o outro, nos qualificamos como humanos e quando ‘desqualificamos o outro’, nos desqualificamos como pessoa. Trabalhar juntos, com este espírito, nos faz crescer e realizar mais. É construtivo, porque acresce, é bom, porque é convivência humana. É enriquecedor, porque faz crescer. (FERREIRA, 2000, p. 15).

Reafirmava minhas convicções sobre a necessidade do cultivo do espírito coletivo na educação, na gestão democrática da educação e na vida, sem discriminações ou exclusões, tendo como norte a educação para a emancipação que liberta de toda a

opressão humana nas suas mais variadas, diversas e travestidas formas. Reafirmava ser necessário que, na prática, nos dispuséssemos de nossos orgulhos, prepotências e vaidades, a fim de poder ver e aceitar, em todos os outros seres humanos, pessoas com todos os direitos e possibilidades, mesmo que com convicções, ideias, crenças e disposições diferentes das nossas. E, ao afirmar ser necessário que aprendêssemos a desenvolver a comunicação intercultural, dado que não poderíamos trabalhar juntos com nossas diferenças, se não as preservarmos e respeitarmos, intencionava registrar acentuando aquilo que é óbvio, mas que não é conhecido, reconhecido nem cumprido, mesmo que de diversas formas esteja exarado em toda a legislação brasileira e nos documentos internacionais pertinentes<sup>2</sup>.

Reiterar o que afirmei naquela época significa reafirmar princípios e propósitos sobre educação e gestão democrática, que não são somente meus, mas constituem marcos da legislação brasileira e mundial, de manifestos que não são respeitados nem cumpridos em função de preconceitos, da impunidade e do clima flutuante em nossa nação.

Significa, também, reafirmar esses princípios diante do mundo fragmentado, de uma sociedade insatisfeita, “transbordante de sentidos e significados onde, por abundância, perdeu o sentido” (JEUDI, 1995, p. 67), onde a violência fomentada pela exacerbação do capital expressa-se de inúmeras formas, atropelando mentes e corações, igualando todos sob o domínio dos que comandam e fomentando a competitividade entre os seres humanos, que são iguais em direitos e deveres, embora tratados como desiguais.

Transmuta-se a noção de espaço: tudo é o mesmo. As pessoas não viajam mais, deslocam-se com movimentos em torno das mesmas referências, em busca dos mesmos símbolos, da mesma segurança. A viagem maior é a busca de identidade sempre ameaçada, cotidianamente ameaçada, por uma louca corrida de novos produtos, de novos símbolos, de novos prazeres, de novas descobertas. As viagens no cotidiano, que se tornaram deslocamentos insanos, competitivos, mecânicos, nada mais passam do que uma corrida desenfreada, controlada pelas horas marcadas que se acumulam, sem permitir um espaço para os sujeitos se recuperarem, parando, sentindo, pensando, apreciando, enfim, vivendo. Zapeando pelas imagens, tudo vemos, mas nada vemos. A quantidade desloca a qualidade, coisificando e mercantilizando tudo e todos!

## **A Carta da Liberdade**

No ano 2000, esboçadas por um grupo de laureados do Prêmio Nobel da Paz, que se encontraram em Paris para o 500º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, 100 milhões de pessoas comprometeram-se a criar um novo mundo, baseado

na tolerância, na solidariedade e na não violência. Assinando o Manifesto<sup>3</sup>, todos se comprometem a: 1. respeitar a vida; 2. rejeitar a violência; 3. ser generoso; 4. ouvir para compreender; 5. preservar o planeta; 6. redescobrir a solidariedade (ONU, 148).

Por todas essas razões, o conteúdo da epígrafe deste texto é de Nelson Mandela (2007), preso por 27 anos ao lutar pelos propósitos expostos na Carta da Liberdade, que defende o respeito e os direitos humanos para todas as pessoas da África e não só, mas do mundo em geral, sem discriminação ou exclusão. Ao declarar que “o objetivo da educação é ensinar os jovens a amar seu povo e sua cultura, de honrar a fraternidade humana, a liberdade e da paz” (p. 128), colocou sua vida em jogo na defesa do que é mais prioritário nessa vida: a VIDA HUMANA com todos os direitos e possibilidades!

Mas a Carta da Liberdade responsabiliza, ainda, os governos pelo “incentivo aos talentos e reforço à vida cultural para todos”, declarando que “todos os tesouros culturais da humanidade na livre troca de livros, ideias e contatos”, proclamando o amor ao povo – considerado piegas pelos que não o sabem praticar e viver ou, por falta de conteúdo, não o compreendem – e à cultura. Deve-se “honrar a fraternidade de direitos, oportunidade e qualidade para todos.” Defende, a referida Carta, “a paz e amizade entre todos os nossos povos garantidos por defender a igualdade de direitos, oportunidades e qualidade de todos.” (MANDELA, 2007, p. 128, tradução nossa).

Todavia, tais princípios e ideais constam na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 – e muitos deles nas constituições anteriores –, no Título I, que trata Dos Princípios Fundamentais; no Título II, que trata dos Direitos e Garantias fundamentais, Capítulos I, II, III, IV e V; e no Título VIII, Capítulo III; assim como no Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (BRASIL, 2006). A Lei nº 9.394, de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), também exara esses mesmos princípios no seu Título I, arts. 1º, 2º e 3º, assim como nas Disposições Gerais e Das Disposições Gerais.

O homem se realiza na história e não somente o homem, todos os homens. Portanto, não é a história que é trágica, mas o trágico está na história que é trágica porque é feita pelos homens; não é absurda, mas é o absurdo que nasce da história; não é cruel, mas as crueldades são cometidas na história pelos homens; não é ridícula, mas as comédias se encenam na história! Os homens ingressam na situação dada, independentemente de sua vontade e consciência, mas, tão logo “se acham” dentro da situação, interferem e a transformam. A situação dada não existe sem os homens e nem os homens sem a situação. Só nessa base se pode desenvolver a dialética entre a situação – que é dada para cada indivíduo, cada geração, cada época e classe – e a ação que se desenvolve com base em pressupostos que são dados, já prontos e acabados. O homem supera, originariamente, a situação não com sua consciência, as intenções e os projetos ideais, mas com a práxis.

A sociedade, o mundo, a cidade são lugares para todos, sem exclusão de qualquer ordem! A humanidade toda necessita ser pensada através da ótica do respeito! Respeito a todos!

Que a **Carta da Liberdade** (grifo do autor), documento fundamental da causa antiapartheid na África do Sul, inspire os políticos e educadores do Brasil, pois representa os anseios dos discriminados não só da África, mas de todo o mundo:

- Que a África do Sul pertence a todos os que nela vivem, negros e brancos, e que nenhum governo pode afirmar autoridade a menos que se baseie na vontade de todos os povos;
- Que nosso povo tem roubado de sua terra de nascença, a liberdade, a paz com uma forma de governo fundado na injustiça e da desigualdade;
- Que o nosso país nunca será próspero e livre até que todo o nosso povo viva em fraternidade e que gozem de direitos e oportunidades iguais;
- Que somente um estado democrático, baseado na vontade de todos os povos, pode garantir a todos o seu direito de primogenitura, sem distinção de cor, raça, sexo ou crença;
- E, portanto, nós, o povo da África do Sul, negros e brancos juntos iguais, compatriotas e irmãos adaptar esta Carta da Liberdade;
- E nós nos comprometemos a lutar em conjunto, poupando nem a força nem coragem, até que as mudanças democráticas aqui estabelecidas forem ganhas. (MANDELA, 2007, p 238 ).

Liberdade significa a capacidade de agir guiado pela alma, e não compelido por desejos e hábitos. Obedecer ao ego leva à escravidão; obedecer à alma leva à libertação. Assim seu expressou Mandela em discurso de posse como presidente da África do Sul:

Encontramo-nos num estágio de amadurecimento para nos transformar em uma sociedade normal, moldada e fundada na confiança mútua, ligada por aspirações mútuas e moldada pela realidade de nossa existência e não por uma imagem distorcida. Em nossa diversidade racial, em nosso idioma, em nossa religião e diversidade étnica, entre o fraco e o poderoso nós somos um só com um só destino. (MANDELA, 1994, p.4).

A contribuição da escola à democracia, com educação de qualidade para todos, sem discriminação, e com gestão democrática é um desafio tão difícil quanto atrativo. Prossigamos, com respeito a todos e a todas as diversidades! Ao trabalho!

## Notas

- 1 “CULTPROF – A evolução da cultura do profissional docente no Brasil” e “Adolfo Sánchez Vázquez: vida, obra e o valor de sua produção para a educação”, as quais subsidiam este texto.
- 2 Vale citar 248 documentos da Organização das Nações Unidas (ONU); 18 documentos da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO); 21 documentos da Organização dos Estados Americanos (OEA); 20 documentos da Organização Internacional do Trabalho (OIT); quatro documentos da Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI); três documentos da Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO – em português, Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura); três documentos da Organização Mundial da Saúde (OMS); 30 documentos dos Direitos Humanos no Brasil; 69 documentos históricos, compostos por 28 documentos históricos brasileiros, por nove documentos internacionais da Sociedade das Nações (1919 a 1945), 29 documentos anteriores à criação da Sociedade das Nações (até 1919) e dez documentos não inseridos nas deliberações da ONU, frutos de conclaves específicos, que trataram da igualdade entre os povos e entre os povos de todas as nações.
- 3 O Manifesto objetiva a promoção da conscientização e do compromisso individuais: não é nem um apelo nem uma petição dirigidos aos governos ou autoridades superiores. O Manifesto afirma que é da responsabilidade de cada ser humano traduzir os valores, atitudes e padrões de comportamento que inspiram a Cultura de Paz em realidades da vida diária. Todos podem agir no espírito da Cultura de Paz dentro do contexto da própria família, do local de trabalho, do bairro, da cidade ou da região, tornando-se um mensageiro da tolerância, da solidariedade e do diálogo.

## Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 39. ed. atualizada. São Paulo: Saraiva, 2006.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Curitiba: Juruá, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto. Podemos trabalhar juntos? Responsabilidades da gestão da educação em ação. **Educação em Revista**, Marília, v. 1, n. 1, 2000.

GRAMSCI, Antônio. **O materialismo histórico e a filosofia de Benedetto Croce**. Buenos Aires: Lautaro, 1958.

JEUDI, Henri-Pierre. **A sociedade transbordante**. Lisboa: Edições Sécuro XXI, 1995.

KONDER, Leandro. **Sobre o amor**. São Paulo: Boitempo, 2007.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MANDELA, Nelson. **Long walk to freedom**. Londres: Penguin Group, 2007.

MANDELA, Nelson. **Discurso de posse na presidência da África do Sul**. (mimeo), 1994.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração universal dos direitos humanos**. Genebra: ONU, 1948.

TEIXEIRA, Anísio S. Natureza e função da administração escolar. In: ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES DE ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR (ANPAE). **Administração escolar**. 1ª edição

comemorativa ao I Simpósio Interamericano de Administração Escolar. Salvador: Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, 1968.

TOCQUEVILLE, Alexis. **La democracia en América**. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1978.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

*Recebido em setembro e aprovado em outubro de 2013*

## **Diversity and democracy** *Our commitment today*

**ABSTRACT:** This article deals with the concepts of education, democratic management and diversity, from the perspective of the philosophy of praxis in an effort to promote a consequential reflection on the real commitment of educators today.

*Keywords:* Democratic management in education. Diversity. Freedom.

## **Diversité et Démocratie** *Notre engagement aujourd'hui*

**RÉSUMÉ:** Cet article travaille les concepts d'éducation, de gestion démocratique et de diversité, dans la perspective d'une philosophie de la praxis, en cherchant à apporter une contribution au développement d'une réflexion conséquente sur le véritable engagement actuel des éducateurs.

*Mots-clés:* Gestion démocratique de l'éducation. Diversité. Liberté.

## **Diversidad y democracia** *Nuestro compromiso hoy*

**RESUMEN:** Este artículo trabaja los conceptos de educación, gestión democrática e diversidad, en la perspectiva filosófica de la praxis, buscando contribuir para el desarrollo de una reflexión consecuente sobre el verdadero compromiso de los educadores en la actualidad.

*Palabras clave:* Gestión democrática de la educación. Diversidad. Libertad.